



## **Espaço e personagens em *Substância*, conto de Guimarães Rosa**

Espacio y personajes en *Substância*, cuento de Guimarães Rosa

Oziris Borges Filho<sup>1</sup>

Daniela Elisabete da Silva Pinto<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo visa descortinar os espaços presentes no conto *Substância* de Guimarães Rosa. Partiremos da metodologia da Topoanálise para identificar os espaços e, a partir deles, entender como se constrói a trama narrativa na obra selecionada. Nosso objetivo é desvendar de que modo o espaço contribuiu para a criação da obra, das personagens e dos rumos que a trama segue. Para isso, selecionamos os principais espaços desta narrativa.

**Palavras-chave:** Topoanálise, Guimarães Rosa, ambiente, cenário.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo descubrir los espacios presentes en el cuento *Substância* de Guimarães Rosa. Salimos de la metodología Topoanálisis para identificar los espacios y, así, entender como se construye la trama narrativa en la obra seleccionada. Nuestro objetivo es desentrañar la forma con que el espacio ha contribuido a la creación de la obra, de los personajes y de la dirección a que la trama sigue. Para ello, seleccionamos los espacios principales de la narrativa.

**Palabras-clave:** Topoanálisis, Guimarães Rosa, ambiente, escenario.

### **Introdução**

Neste trabalho será analisado o conto *Substância* de João Guimarães Rosa. Publicado em 1962, ele integra o livro *Primeiras estórias* que teve grande repercussão. A obra escolhida trata, entre outros temas, da relação que se inicia entre Maria Exita e Sionésio, dono da fazenda onde ela trabalha. Pretendemos analisar os efeitos de sentido criados pelas estratégias do narrador ao construir a espacialidade do texto.

O conto se passa numa fazenda – Samburá – e logo no início é possível identificar o tema principal: a pureza. Esse tema é evidenciado através de referências à cor branca, símbolo máximo de pureza, do polvilho. O passado familiar da protagonista Maria Exita faz com que ela não seja aceita socialmente, e isso se colocará entre ela e Sionésio. Além disso, Sionésio é o proprietário da fazenda na qual Maria Exita trabalha, assim essa relação funcionária x patrão e suas implicações sociais também serão motivo de reflexão

---

<sup>1</sup> Professor adjunto da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

<sup>2</sup> Daniela Elisabete da Silva Pinto: Graduada em Letras pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Mestranda.

na obra.

### **Percurso espacial**

Segundo Barbosa e Borges Filho (2008) entende-se por percurso espacial, o encadeamento de todos os espaços presentes na obra literária. No conto que analisamos, são mencionados vários espaços, tais como a Fazenda Samburá, a cadeia onde o irmão de Maria Exita está preso, o lazareto (casa onde os leprosos são internados) onde o pai dela é interno, casas incertas onde Sionésio para durante a viagem para descansar, o Morro-do-Boi onde mora a noiva de Sionésio, entre outros. Devido a essa pluralidade de espaços, podemos classificar a fábula como politópica.

Por ser um conto, forma literária essencialmente curta, não haveria possibilidade de aprofundamento de todos os espaços acima citados. Por isso temos um espaço enfatizado, onde se passa todo o conflito da obra, que abriga as personagens principais e que contribuirá sobremaneira para a construção de efeitos de sentido, a “Fazenda Samburá”. Esse espaço, segundo Moisés (2006), pode ser classificado como um espaço-com-drama, uma vez que o conflito principal se desenrola lá. Já os demais são espaços-sem-drama, segundo o mesmo teórico.

O espaço literário pode ser dividido em cenário, aqueles construídos pelo homem, e natureza, espaço não construído pelo homem. Nessa narrativa, temos um fato interessante, a predominância de um espaço híbrido, ou seja, um espaço onde há a intersecção de cenário e natureza. A fazenda Samburá possui áreas naturais, mas houve parcial interferência humana nela.

O conto *Substância* se inicia, mencionando um espaço rural – a roça – onde toda a trama se passará. E logo uma de suas principais temáticas é introduzida – o polvilho e seu fabrico – e, por conseguinte, a cor branca já começa a tomar evidência, outro tema muito explorado na obra, de forma direta ou metaforizado, como se percebe no trecho:

Sim, na roça o polvilho se faz a coisa alva: **mais que o algodão, a garça, a roupa na corda.** Do ralo às gaelas, da masseira às bacias, uma polpa se repassa, para assentar, no fundo da água e leite, azubosa - o amido - puro, limpo, feito surpresa. (ROSA, 2001, p. 205, grifos nossos).

Ao falar do polvilho no trecho acima, percebemos que o narrador hetero e extradiegético aumenta gradativamente o nível de brancura nos exemplos que oferece.

Inicia com “o algodão”, passa à “garça” e por fim à “roupa na corda”, porém, podemos notar através do advérbio de intensidade “mais” que ele considera o polvilho extremamente mais alvo que todos os exemplos dados. Tudo isso evidencia a intensidade da cor do polvilho. Remete também à pureza que é uma das temáticas principais do conto.

O nome próprio ou comum do espaço assim como o nome da personagem é uma importante estratégia de que se vale o narrador do texto literário. Na construção da personagem Maria Exita, vemos que o narrador se utiliza do recurso da máscara<sup>3</sup>, pois o nome é uma forma de qualificar essa personagem. Vemos que há uma relação de semelhança entre a personagem e seu nome. O nome Maria, além de ser extremamente comum, carrega grande conotação religiosa. Ele guarda relação com a Virgem Maria, símbolo de pureza e castidade, chamada de Imaculada (sem manchas). Assim também é construída a personagem Maria Exita:

Datava de **maio**, ou de quando? Pensava ele em maio, talvez, porque o **mês mor** – de orvalho, da Virgem, de **claridades no campo**. (ROSA, 2001, p. 205, grifos nossos).

Mas precisada e restar na **pureza**. (...) Maria Exita era **a** para se **separar limpa e sem jaças**, por cima da vida e de ninguém. Nela nenhum homem tocava. (ROSA, 2001, p. 209, grifos nossos).

Sabia hoje: a alma do jeito e ser, dela, diversa dos outros. (ROSA, 2001, p. 208).

Porém, Sionésio a retoma não como mais uma Maria, mas como a Maria. Nos trechos acima se percebe o emprego do artigo definido feminino “a”, como forma de evidenciar o seu valor único para ele. E diz ainda a seu respeito: “A ela – a única Maria do mundo”. (ROSA, 2001, p. 210).

A fábula nos permite saber que ela, Maria Exita, chegou à fazenda para trabalhar no mês de maio. Uma das hipóteses para compreender por que nesse mês em especial, seria sua ligação com a religiosidade, além de ser conhecido popularmente como o mês das noivas. Porém não é apenas isso, esse mês é também um dos mais indicados para o plantio de mandioca, matéria prima para o fabrico do polvilho e, segundo Nascentes

---

<sup>3</sup> In: TOMACHEVSKI, Boris. Temática. In **Teoria da literatura** – formalistas russos. Porto Alegre: Globo, 1978.

(1950, p. 10), “é o mês de privilegiada claridade”, ou seja, mais uma vez é reforçada a temática da luz a respeito da protagonista.

Um dos traços marcantes na obra roseana, segundo críticos do escritor tais como Paulo Rónai (V. Prefácio de *Primeiras estórias*, 2001, p. 34-35), é a sonoridade, o trabalho fonético com as palavras. E isso se confirma na nomeação das personagens.

O nome Maria Exita, pronunciado rapidamente, produz a sonoridade de Mariazita, fazendo jus ao seu pouco tamanho, corroborado através de predicções como “menina”, “feiosinha”, “magra” e “criaturinha”, que denunciam a forma com que é tratada pela maioria dos que com ela convivem. Mas a sonoridade também constrói a seguinte expressão: “Maria hesita”, do verbo hesitar. Castro (1993, p. 56) faz uma ressalva quanto à sonoridade do nome da personagem

O autor estabelece, assim, uma relação metonímica entre o método aplicado e o produto obtido, simbolizando na brancura a lapidação espiritual de Maria Exita (nome ambíguo, que sugere o significado de hesitação e êxito, simultaneamente), cujos olhos parecem possuir uma “outra luminosidade”.

Isso também a constrói, uma vez que sua vida a ensinou sempre a hesitar. Ela, raras vezes, dialoga, expõe seu ponto de vista ou sua vontade. E, segundo o trecho, sempre foi vítima de seu histórico familiar e digna apenas da piedade.

Maria Exita. Trouxera-a, por piedade, pela ponta da mão, receosa de que o patrão nem os outros a aceitassem, a velha Nhatiaga, peneireira. (ROSA, 2001, p. 206).

Do ponto de vista fonético, com a personagem Sionésio não acontece diferente. Seu nome é uma junção nascida da pronúncia rápida de Senhor Onésio. Primeiramente, ele é chamado uma vez de “Seo Nésio” e depois apenas de Sinésio. Segundo investigações feitas em sites, Onésio significa ser útil, auxiliador. E de fato, no conto são evidenciadas tais qualidades. Ele era muito envolvido em seus afazeres diários, tanto que não teve tempo nem para perceber que Maria Exita já não era a “menina” que havia chegado à fazenda Samburá, mas que havia crescido e se feito mulher. Sua construção torna-se evidente em passagens como:

Só que a ele, Sionésio, **faltavam folga e espírito para primeiro reparar em transformações**. Saíra da festa em começo, dada mal sua presença; pois a vida não lhe deixava cortar pelo sono: era um espreguiçar-se ao adormecer, para poupar tempo no despertar. (ROSA, 2001, p. 205-206, grifos nossos).

Ainda num domingo, **não parava, pois**. Apenas, por prazo, em incertas casas, onde lhe dessem, ao corpo, consolo: atendimento de repouso. (ROSA, 2001, p. 206, grifos nossos).

Sua sela se coçava de uso, aqui a borraina aparecendo; tantas coisas a renovar, e ele sem sequer o tempo. (ROSA, 2001, p. 206).

Pode-se constatar que Sionésio era um tanto quanto materialista. Ele estava tão ligado às questões econômicas da fazenda que se esqueceu de viver e nem se deu conta de que o tempo, inexorável, passou e que muita coisa à sua volta havia se transformado, inclusive ela, Maria Exita.

A terceira personagem que recebe nome é Nhatiaga, “a velha peneireira” da fazenda. Ela serviu para Maria Exita como uma guardiã, já que ela chegou lá totalmente desprotegida. Foi por seu intermédio que Maria Exita conseguiu emprego também. Nhatiaga é a junção de duas palavras “senhora” e “Tiaga”. Tal nome é a forma feminina de Tiago, que por sua vez significa “o que suplantou”, “o vencedor” ou ainda “dádiva de Deus”. E, de fato, Nhatiaga foi uma dádiva de Deus na vida de Maria Exita. “Acolheram-na, em todo o caso. Menos por direta pena; antes, da **compaixão da Nhatiaga**”. (ROSA, 2001, p. 206, grifos nossos). “Perguntara à Nhatiaga, pela sua **protegida**”. (ROSA, 2001, p. 207, grifos nossos).

Logo no início da obra, o passado familiar de Maria Exita é indiciado através de uma analepse, que muito contribuirá para a construção da personagem. “Não lembrava a menina, feiosinha, magra, historiada de desgraças, **trazida, havia muito**, para servir na fazenda”. (ROSA, 2001, p. 205, grifos nossos).

Ao longo de todo o conto, a dúvida quanto a Maria Exita ter herdado algum dos maus traços familiares persegue Sionésio. Assim, ao tratar da família da personagem, outros temas vão sendo abordados, tais como o preconceito quanto à lepra, a exclusão que tal doença traz, o abandono por parte dos que deveriam ser seu apoio, etc.

Porque, contra a menos feliz, **a sorte sarapintara de preto portais e portas** a mãe, leviana, desaparecida de casa; um irmão, perverso,

na cadeia, por atos de morte; o outro, igual feroz, foragido, ao acaso de nenhuma parte; o pai, razoável bom-homem, delatado com a lepra, e prosseguido, decerto para sempre, para um lazareto. Restassem-lhe nem afastados parentes; seja, recebera madrinha, de luxo e rica, mas que pelo lugar apenas passara, agora ninguém sabendo se e onde vivia. (ROSA, 2001, p. 206, grifos nossos).

O trecho grifado acima corresponde a uma metáfora espacial. A cor negra, muitas vezes, remete à negatividade, infelicidade, azar, mau agouro, entre outros predicados pertencentes ao mesmo campo semântico. No conto, o narrador se utiliza de uma metáfora com conotação espacial para evocar as simbologias pertencentes a tal cor. A partir de tal recurso, é possível inferir não só o passado da personagem Maria Exitá como também seu presente e futuro, determinados pelas más ações de sua “família”.

### **A fazenda Samburá**

A fazenda Samburá pertence a Sionésio, podendo ser caracterizada como o território deste personagem na medida em que nele, a personagem exerce o poder da maneira que bem entender. Assim sendo, exerce certa coerção sobre a terra e consequentemente sobre seus funcionários:

Sionésio, saber que ela, de qualquer modo, pertencia e lidava ali, influía-lhe um contentamento; **ele era a pessoa manipulante.** (ROSA, 2001, p. 207, grifos nossos).

**Prazer** era ver, aberto, sob o fim do sol, o mandiocal de verdes mãos. **Amava o que era seu** - o que seus fortes olhos aprisionavam. Agora, porém, uma fadiga. O ensimesmo. . Sua sela se coçava de uso, aqui a borraina aparecendo; tantas coisas a renovar, e ele sem sequer o tempo. Nem para ir de visita, **no Morro-do-Boi, à quase noiva, comum no sossego e paciências, da terra, em que tudo se relevava pela medida das distâncias.** (ROSA, 2001, p. 206-207, grifos nossos).

O espaço híbrido da fazenda (cenário e natureza) também é mais bem descrito através da citação acima. Reconhecemos o espaço amplo, e a plantação é narrada de modo a imaginarmos muito viçosa e com isso o polvilho garante sua qualidade e renome.

Mas, ao final deste trecho, concluímos que todo o êxito com a fazenda e mesmo seu amor por ela não são suficientes para preenchê-lo. Sionésio sente-se fadigado, incompleto, o que gera nele um “ensimesmamento”, certamente para refletir sobre seus sentimentos e sua insatisfação diante de sua vida.

Sionésio não dispõe de tempo nem para visitar sua “quase noiva no Morro-do-Boi”. Percebemos que essa suposta falta de tempo revela o que de fato é prioridade em sua vida e o que “pode ficar para depois”, sem receber muita atenção. Porém, algo que de fato configura um empecilho é a distância entre sua fazenda e o local onde sua “quase noiva” mora. Sionésio acaba por se utilizar da distância que deveras existe, como justificativa para sua ausência. Podemos confirmar isso com o trecho “(...) **tudo se relevava pela medida das distâncias**”. (ROSA, 2001, p. 206-207).

Em *Substância* não há referência ao local específico onde se situa a fazenda de Samburá, mas de acordo com estudiosos como Galvão (2000, p. 29), o espaço da obra de Rosa, teve inspiração no Sertão.

Geograficamente não é o do Nordeste, do Polígono das Secas. É outro, bem menos conhecido e explorado artisticamente, seja pela literatura, seja pelo cinema: é o sertão de Minas Gerais.

No trecho acima, a autora expôs de que sertão especificamente Rosa se apropria para criar suas obras. Isso é também um dos traços que marca sua obra: explorar o que foi pouco explorado na literatura e tornar público essa espacialidade.

Na seguinte passagem, temos mais uma descrição da fazenda.

**O quieto completo, na Samburá, no domingo, o eirado e o engenho desertos, sem eixo de murmúrio.** (...) Sionésio, saber que ela, de qualquer modo, **pertencia** e lidava ali, influía-lhe um contentamento; (...). (ROSA, 2001, p. 207, grifos nossos).

Os gradientes sensoriais, isto é, os sentidos humanos, são os recursos que usamos na captação do espaço circundante. No trecho acima, verificamos como, no domingo, o silêncio caracteriza o espaço da fazenda: “O quieto completo”. O gradiente sensorial da audição é ainda reforçado pelas figuras “o eirado e o engenho desertos, sem eixo de murmúrio.” Saliente-se ainda que essa tonalidade espacial está vinculada ao tempo: domingo.

A ausência de ruídos, algo capaz de despertar a audição da personagem Sionésio, também é muito significativa. Já delineia uma característica de seu interior, a solidão. É neste momento que ele vai perguntar a Nhatiaga por Maria Exita, o silêncio faz com que ele sinta sua falta. Essa atitude pode ser tomada como uma prolepse, uma vez que antecipa discretamente o espaço que Maria Exita virá a ocupar em sua vida.

Isso se torna mais evidente ao final da passagem, em que o patrão se reconhece contente por saber que ela ainda “lidava” e mais que isso “pertencia” à fazenda. Percebe-se assim certo sentimento de posse, por parte dele em relação à menina, através da escolha da palavra “pertencia”.

Retomando o conceito de Toponímia, anteriormente exposto, o nome Samburá vem do Tupi. É o nome que se dá ao cesto feito de cipó ou de taquara, bojudo e de boca estreita, usados pelos pescadores para guardar o fruto de sua pesca. Nesse caso, o significado de Samburá corrobora a construção da própria fazenda, na medida em que evoca a ideia de ruralidade.

Possivelmente, por se tratar de uma narrativa curta, os espaços são criados de modo moderado, porém minucioso. A espacialização é predominantemente objetiva, porém consegue-se perceber os sentimentos das personagens evoluírem ao longo da narração.

Seguindo os acontecimentos na ordem em que foram narrados no conto, a passagem que segue é uma bela descrição do espaço, que muito contribui para a construção da obra no geral. A partir dela, há vários questionamentos a serem feitos e uma vez equacionados pode-se entender melhor a presente fábula.

Demorara para ir vê-la. **Só no pino do meio-dia** de um sol do qual o passarinho fugiu. **Ela estava em frente da mesa** de pedra; **àquela hora, sentada no banquinho rasteiro**, esperava que trouxessem outros pesados, duros blocos de polvilho. **Alvíssimo**, era horrível, aquilo. **Atormentava, torturava: os olhos da pessoa tendo de ficar miudinho fechados**, feito os de um tatu, ante a implacável alvura, o sol em cima. O dia inteiro, o ar parava levantado, aos tremeluzes, a gente se perdendo por um **negrume do horizonte, para temperar a intensidade brilhante, branca**; e tudo cerradamente igual. **Teve dó dela - pobrinha flor**. Indagou: - “Que serviço você dá?” - e era a tola questão. Ela não se vexou. Só o mal-e-mal, o boquinão abrir, o sorriso devagar. Não se perturbava (...).

**Não parecia padecer, antes tirar segurança e folguedo, do triste, sinistro polvilho, portentoso, mais a maldade do sol.** (...). Viu que, sem querer, lhe fazia cortesia. (ROSA, 2001, p. 207, grifos nossos).

Inicialmente, nos perguntamos por que Sionésio foi vê-la nessa hora do dia, o sol no pino do meio-dia? Como já foi dito anteriormente, a luz (que chega por vezes a cegar) é uma das temáticas de *Substância*, uma vez que remete à claridade, à pureza e também à transparência. A luz nada oculta, tem poder revelador. Assim, Sionésio começa a reconhecer a pureza e várias outras qualidades em Maria Exita, e mais, vê que ela em nada se parece com sua família, percebe que seu caráter foi mais forte que o jugo ao qual foi condenada.

A partir da descrição espacial “(...) Ela estava em frente da mesa de pedra (...)”, reconhecemos a coordenada espacial da frontalidade (frente x atrás), que se organiza em torno, basicamente, dos eixos horizontal e vertical, o que está à frente geralmente é algo visível, portanto avaliável e positivo. Já o que está atrás, por ser invisível é, por suposto, negativo. Assim sendo, à medida que o narrador coloca a personagem “frente à mesa” quer evidenciar seu caráter transparente e puro. Isso se confirma ao longo de todo o conto, uma vez que tudo que se refere ao caráter de Maria Exita é claramente positivo.

Podemos perceber que mesmo sofrendo diversas imposições sociais, familiares, entre outras que fazem com que ela por vezes “hesite”, Maria Exita encara seu árduo trabalho de frente, de modo destemido, com certa familiaridade e sem “hesitar”. Isso demonstra que mesmo mediante a pequenez da personagem, ela aceita seu serviço, ainda que seja o mais difícil, e consegue ainda retirar dele algum prazer.

No trecho comentado até o momento, percebemos o encontro de duas “categorias”, tempo e espaço. Trata-se do cronotopo. Segundo Bakhtin, cronotopo é a “...interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas em literatura” (1998, p. 211).

Apreendemos do trecho, uma diferença entre o espaço-tempo da narrativa e o espaço-tempo da narração. Há a referência a um ontem, no qual ele – Sionésio – tem uma visão a respeito de Maria Exita. No agora, percebe-se que a maneira com que Sionésio a enxerga se modificou. Ele passou a percebê-la com características divinas, diferente das demais pessoas com quem já convivera. “De suas maneiras, menina, me senti muito agradado...” - repetia um futuro talvez dizer. A Maria Exita. **Sabia, hoje: a alma do jeito e ser, dela, diversa dos outros**. (ROSA, 2001, p. 208, grifos nossos).

Em outro ponto da narrativa, também iremos encontrar a junção do espaço-tempo, característica marcante ao longo da diegese. O tempo expresso através de “as muitas semanas” que serve para descrever o conflito interior pelo qual passava Sionésio, bem como “amiúde nem conseguia dormir” e ainda “consumição”. Tudo isso faz com que se construa a aflição que sentia a personagem ao se perceber apaixonado por ela. Podemos perceber a que ponto chegou sua consumição, que já não conseguia dormir, e punha-se a vigiar de madrugada o polvilho.

**As muitas semanas** castigavam-no, **amiúde nem conseguia dormir**, o que era ele mesmo contra ele mesmo, **consumição** de paixão, romance feito. De repente, **na madrugada**, animava-se a vigiar os **ameaços de chuva**, erguia-se aos brados, acordando a todos (...). Mal podia divisá-la, no polvoroso, mas contentava-o sua proximidade viva, quente presença, aliviando-o. (ROSA, 2001, p. 210, grifos nossos).

Porém, a outra expressão “ameaços de chuva” permite-nos construir o espaço e a cena, os demais funcionários confusos, correndo para apanhar o polvilho exposto ao ar livre. E no meio dos demais funcionários, Maria Exitá. Mesmo no escuro da noite, era possível vê-la, o que acalmava um pouco a aflição de Sionésio.

Nesse momento, ele se reconhece dependente dela e vê que de nada vale seu esforço sobre-humano, sua aplicação à fazenda, se não tivesse dela o amor. Sentia necessidade de vê-la constantemente e não apenas nos momentos de folga.

Sem ela, de que valia a atirada trabalhadeira, o **sofreesforço**, crescer os produtos, aumentar as terras? Vê-la, quando em quando. **A ela - a única Maria no mundo**. Nenhuma outra mulher, mais, no repousado; nenhuma outra noiva, na distância (...). **Consigo forcejava**. Queria e não podia, dar volta a uma coisa. **Os dias iam**. Passavam as coisas, pretextadas. Que temia, pois, que não sabia que temesse? Por vez, pensou: **era, ele mesmo, são?** (ROSA, 2001, p. 210-211, grifos nossos).

Reconhece-a como a única mulher em sua vida e, apesar de ser o seu nome deveras comum, para ele não havia outra Maria ou outra mulher no mundo. Esquece-se

de sua noiva, habitante do longínquo Morro-do-Boi e de tudo mais que o possa afastar dela. Passa então a lutar consigo mesmo, trava verdadeira batalha interna, de um lado, o amor que sente por Maria Exita, de outro, o passado familiar dela e as recorrentes dúvidas que ele tinha. Porém, os dias se passavam e com isso aumentava mais seu conflito consigo mesmo. Chegou ao ponto de questionar sua própria sanidade, tamanho sofrimento e resistência. “Mas, no disputar do dia, criava as agonias da noite. Achou-se em lágrimas, fiel”. (ROSA, 2001, p. 211).

Há na primeira frase da citação, um paradoxo. “Nada” é um pronome indefinido com valor de negação, expressa a ideia de vazio, de ausência, já “tanto” é um advérbio de intensidade e, ao contrário, expressa a ideia de abundância. São, portanto ideias contrárias, uma à outra. Isso causa um efeito de sentido de contradição, e é exatamente o que a personagem sente no momento, uma sensação de esgarçamento. Está em meio a uma dúvida e sente-se certamente contrariado, entre o que ele deveria fazer (viver o amor com Maria Exita) e o que seria o mais correto a ser feito (ser racional, conforme dita as regras da sociedade). “**A hora era de nada e tanto**; e ela era sempre a espera. **Afoito**, ele lhe perguntou: - ‘Você tem vontade de confirmar o rumo de sua vida?’ - falando-lhe de muito coração. (...)”. (ROSA, 2001, p. 211, grifos nossos).

No próximo trecho, reaparece a coordenada espacial da verticalidade (alto x baixo). O alto mais uma vez é posto como referência celestial, assim como toda a construção da personagem Maria Exita. Com a introdução da expressão “o acima”, constrói-se perfeitamente a ideia de que o amor ao qual se refere é realmente sobre-humano. Além de que o narrador faz reiterada referência à claridade, o que a eleva a um patamar acima do humano.

Assim; mas era também o exato, grande, o repentino amor - **o acima**. Sionésio olhou mais, **sem fechar o rosto, aplicou o coração, abriu bem os olhos. Sorriu para trás. Maria Exita. Socorria-a a linda claridade**. Ela - ela! Ele veio para junto. (ROSA, 2001, p. 211, grifos nossos).

Além disso, aparece a coordenada da frontalidade (diante x atrás). Sionésio olhou e a viu atrás dele, o que corrobora ainda mais o caráter místico de Maria Exita. O fato de ela estar atrás pode representar seu interior, algo que ainda era mistério para ele, mas, a partir do momento em que ele tem a coragem de enfrentá-la cara a cara, aí é que a vê de fato, despida dos preconceitos e das aparências.

Na passagem a seguir pode-se reconhecer a coordenada da lateralidade (esquerdo x direito) e da frontalidade (diante x atrás): “Estavam **lado a lado**, olhavam para **a frente**.” (ROSA, 2001, p. 212, grifos nossos). Percebe-se então que as personagens estão em pé de igualdade, num mesmo nível. Os preconceitos e o histórico familiar de Maria Exita que tanto provocaram dúvidas em Sionésio foram superados em nome de algo supremo, o amor que entre eles nascera. Agora, juntos olham para frente, pois como vimos, a frente geralmente representa o que é visível e positivo também.

Ambos passam a habitar outra dimensão, diferente da dos demais seres humanos, eles parecem transcender. E isso se torna mais evidente ao observar o trecho seguinte: “**Nem viam** a sombra da Nhatiaga, que quieta e calada, lá, no **espaço do dia**”. (ROSA, 2001, p. 212, grifos nossos).

Mediante a tal experiência, a linguagem “padrão” se atrofia e se torna incapaz de descrever o que se passou naquele momento. Por isso é que surgem na fábula neologismos, eles tentam descrever em intensidade o que a linguagem “formal” impossibilita. Até mesmo Guimarães Rosa, segundo Nascentes (1950) referiu-se ao aspecto limitado da linguagem em *Estas estórias* nos seguintes termos: “O mais fundo de meus pensamentos nem entende as minhas palavras” (NASCENTES, 1950, p. 9).

Sionésio e Maria Exita - a meios-olhos, perante o refulgir, o **todo branco**. Acontecia o **não-fato**, o **não-tempo**, silêncio em sua imaginação. Só o **um-e-outra**, um **em-si-juntos**, o viver em ponto sem parar, **coraçõemente: pensamento, pensamor. Alvor. Avançavam, parados**, dentro da luz, como se fosse **no dia de Todos os Pássaros**. (ROSA, 2001, p. 212, grifos nossos).

Primeiramente o branco é reiterado. Logo em seguida há a introdução de neologismos “não-fato” e “não-tempo”. Ou seja, o próprio tempo e fato (acontecimentos) deixaram de existir tamanha sublimação que experimentavam nesse momento.

Outro recurso comentado por Nascentes (1950, p.10), foi a mescla do masculino e do feminino no neologismo “um-e-outra”. As personagens estão em tanto equilíbrio e igualdade, pois o artigo indefinido “um” foi mesclado ao pronome indefinido feminino “outra”, criando assim uma gramática própria e harmônica.

Pensemos então no significado da palavra “substância”. O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa traz algumas acepções para tal palavra: <sup>1</sup> O que subsiste por si mesmo ou independentemente de todo acidente determinado. <sup>2</sup> Caráter do que é sólido,

firme; força, robustez, vigor. <sup>3</sup> Conteúdo de (algo). <sup>4</sup> Conjunto das ideias, dos conhecimentos, dos sentimentos que se consideram a essência do caráter e do espírito de uma pessoa. <sup>5</sup> Realidade que se mantém permanente sob os acidentes múltiplos e mutáveis, servindo-lhes de suporte e sustentáculo; aquilo que subsiste por si, com autonomia e independência em relação às suas qualificações e estados.

Vemos, então, que esta palavra está ligada diretamente à essência, ao que realmente importa, ao cerne das coisas. No conto em questão, as personagens aprendem isso ao longo da narrativa, aprendem a valorizar o que é de fato essencial e a superar a aparência. E o amor que nasce da relação dos dois é também uma *Substância*, pois “subsiste por si”, não depende de mais nada além do querer de ambos.

Outra relação possível de se fazer é a do título com o polvilho, que é também uma “substância”. De acordo com a quinta acepção da palavra, podemos entender o polvilho como “substância” e mais como fonte de vida para aquele povo já que era o seu fabrico que lhes garantia o sustento.

E ainda, de acordo com a última acepção da palavra, “substância” pode ser interpretada como a própria personagem Maria Exita, uma vez que nada foi capaz de abatê-la, nenhuma das adversidades pelas quais passou até encontrar de fato a felicidade ao lado de Sionésio. O vigor e a força de viver dela superaram tudo, inclusive o trabalho escaldante e os diversos preconceitos que sofreu.

Essa fusão ocorrida entre as personagens se torna mais clara quando são empregados os neologismos “coraçõemente: pensamento, pensamor”. Esse é um antigo dilema humano, a razão e a emoção. Contudo, o momento é tão perfeito entre as personagens que até mesmo esse grande embate é superado e razão e emoção convivem harmonicamente.

Para finalizar, há no paradoxo “avançavam, parados” mais uma confirmação de que eles transcenderam a situação humana, a matéria. Porque ao dizer avançados, referimo-nos a movimento, e quando dizemos parado, referimo-nos a um estado de repouso. São palavras totalmente opostas e perfeitas para representar a harmonia completa, mesmo que paradoxalmente.

Popularmente os pássaros são símbolo de liberdade. Mas segundo o *Dicionário de símbolos e imagens oníricas* (on-line) os pássaros, simbolizam mais que isso:

Simbolizam de modo geral as entidades psíquicas de caráter intuitivo e mental, pois é considerado como uma entidade sem corpo e alada. **É um apropriado símbolo da transcendência.** Pode ainda

estar representando o SELF que surge como um princípio único, uma **intuição da totalidade oriunda das profundezas do inconsciente**. (...). É uma intuição profunda, a verdade invisível que se auto-realiza. (Dicionário de símbolos e imagens oníricas, grifos nossos).

Então, não por acaso que o conto é finalizado com a expressão “no dia de Todos os Pássaros”. O conto *Substância* se encaminhou para esse fim, a perfeição que só pode ser alcançada com a transcendência. E a substância dessa transcendência é o amor.

## **Conclusão**

Observamos no conto analisado o quanto o espaço influenciou na construção das personagens e suas relações. A coordenada espacial mais explorada no conto foi a da verticalidade (alto x baixo) – inclusive quanto à própria personagem Maria Exita. Sua construção acaba por ser confirmada através dessa coordenada. Mais um eixo de comprovada relevância na construção da diegese é o da frontalidade (diante x atrás).

Outra estratégia espacial utilizada pelo narrador na construção de seu texto foi a dos gradientes sensoriais. Nesse sentido, vimos como a cor branca é recorrente na construção dessa fábula e das próprias personagens, principalmente em relação aos protagonistas Sionésio e Maria Exita.

A própria fazenda Samburá, espaço que abriga a maioria das personagens é, sem dúvida, um espaço extremamente importante na construção da obra como um todo. Ainda mais se levarmos em conta o fato de que lá é produzido o polvilho, que gera renda e garante a sobrevivência de todos nas adjacências. Dada a sua relevância, a fazenda pode ser classificada como espaço-com-drama, já que toda a trama lá se desenrola.

O grande eixo temático do conto é o da importância da essência. Isso é reiterado várias vezes a começar pelo título “substância”. Dentro do percurso figurativo da narrativa, percebe-se que a grande essência é o amor. Nas palavras de Castro

A insistente referência à alvura do polvilho e a dificuldade de extraí-lo metaforizam o processo de depuração a que se deve submeter o sentimento, para fortalecê-lo. Para conseguir um produto da melhor qualidade, era necessário malhar a tapioca nas lajes de uma pedra. (CASTRO, 1993, p. 56).

Esse sentimento, uma quintessência, supera inclusive o preconceito e a classe social, aproximando o patrão de uma funcionária.

### **Bibliografia**

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética – a teoria do romance*. São Paulo: Unesp, 1998.

BARBOSA, Sidney; BORGES FILHO, Ozíris. *Uma missa muito especial*. Revista Intertexto (Universidade Federal do Triângulo Mineiro): Uberaba, 2008.

BORGES FILHO, Ozíris. *Espaço e Literatura: introdução à topoanálise*. Franca: Ribeirão gráfica e editora, 2007.

CASTRO, Dácio Antônio de. *Primeiras Estórias – Roteiro de leitura*. São Paulo: Ática, 1993.

DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS E IMAGENS ONÍRICAS. Disponível em: <<http://www.salves.com.br/dicsimb/dicsimbolon/passaros.htm>>. Acesso em 19 dez. 2011.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *Guimarães Rosa*. São Paulo: Publifolha, 2000.

HOUAISS, Antônio; Villar, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa I*. São Paulo: Cultrix, 2006.

NASCENTES, Zama Caixeta. *O um-e-outra: os contrários em um conto de Guimarães Rosa* (artigo), 1950, 19 p. Disponível em: <http://www.dacex.ct.utfpr.edu.br/zama2.htm>. Acesso em 02 set. 2011.

RÓNAI, Paulo. *Primeiras Estórias (Prefácio)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

TOMACHEVSKI, Boris. Temática. In *Teoria da literatura – formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1978.